

ONU: REGRESSO AO FUTURO ?

Nos últimos meses as Nações Unidas voltaram a assumir um papel mais interventivo na procura de uma solução para o problema do Sahara Ocidental.

Em fins de Setembro Brahim Ghali, o responsável máximo da Frente POLISARIO, escreveu ao Secretário-geral da ONU António Guterres alertando-o para o impasse em que se encontrava a questão e os perigos que isso representava para a estabilidade e a paz na região e denunciando a política repressiva de Marrocos no território.

«(...) [A]s graves violações dos direitos humanos têm lugar à vista das Nações Unidas, representadas pela sua Missão para o Referendo no Sahara Ocidental (MINURSO), no momento em que os pacíficos manifestantes saharauís exigem apenas a aplicação da legitimidade internacional», refere Ghali.

O dirigente saharauí exige uma acção urgente por parte da ONU, sublinhando a necessidade de um mecanismo de protecção e controlo no território. «Esta nova escalada repressiva e as brutais intervenções contra manifestações em El Aaiún ou na bonita cidade de Bojador, reclamam a urgente necessidade da intervenção do organismo internacional para a aplicação dos requisitos do direito internacional e do direito internacional humanitário».

Brahim Ghali sublinha que «está na hora da MINURSO retomar com urgência a sua missão de organizar um referendo de autodeterminação ao povo saharauí para que ele possa determinar o seu futuro.» Pede ao SG da ONU a libertação imediata dos presos políticos do grupo de Gdeim Izik e de todos os detidos políticos saharauís em cárceres marroquinos, o fim do saque dos recursos naturais do território e a sua abertura aos observadores internacionais e à imprensa, assim como a eliminação do muro da vergonha construído pela ocupação, «um crime contra a humanidade que divide o Sahara Ocidental, território e população, protegido por um arsenal bélico de destruição e milhões de minas, incluindo minas antipessoal, proibidas internacionalmente».

Refere que o aumento do número de vítimas entre os manifestantes reflecte a ampla participação das cidadãs e dos cidadãos saharauís e a sua firme luta em defesa de um direito sagrado, garantido pela Carta e pelas resoluções das Nações Unidas. Por isso – diz - a comunidade internacional é chamada a assumir as suas responsabilidades e a garantir o exercício dos direitos fundamentais da população contra o aumento da repressão praticada pelo Estado marroquino.

Ghali acrescenta que «a existência de uma situação de descolonização no séc. XXI é um fenómeno estranho e vergonhoso para a comunidade internacional, assim como é vergonhoso que a comunidade internacional continue indiferente ante as práticas atroz e as violações flagrantes cometidas pelas



Fig. 1: Horst Köhler

forças militares de ocupação num território sob a responsabilidade das Nações Unidas e onde esta tem uma missão no terreno».

Tragicamente, três semanas depois desta carta, uma jovem saharauí, familiar de um activista de direitos humanos, foi assassinada em Dakhla, no extremo sul do Sahara Ocidental, por colonos marroquinos. Segundo informou o vice-presidente do Comité contra a Tortura daquela cidade, El Mahyub Aulad Chej, a sua prima Mentu Mint Mohamed Chej desapareceu na noite de 14 de Outubro quando saiu de casa para fazer compras num estabelecimento próximo.

Ao ver que não regressava, a família da jovem começou a procurá-la em casa de familiares, após o que denunciou o seu desaparecimento à polícia marroquina. No dia seguinte a jovem apareceu degolada nas redondezas da cidade. Segundo a família, tinha sido violada e assassinada e o seu corpo foi encontrado nu com sinais de fortes pancadas na cara e na cabeça.

Entretanto, o representante da Frente POLISARIO junto da ONU, Ahmed Bukhari, foi recebido em 4 de Outubro por António Guterres, a quem transmitiu uma mensagem de Brahim Ghali. A reunião teve lugar a pedido da parte saharauí e antecedeu a visita que o Enviado Pessoal do SG da ONU para o Sahara Ocidental, o alemão Horst Köhler, realizou em Outubro à região, a sua primeira visita desde que foi nomeado em Setembro em substituição do diplomata norte-americano Christopher Ross.

Köhler realizou várias reuniões e consultas com o objectivo de relançar as negociações entre as partes. Em particular, manteve conversações com a delegação da Frente POLISARIO, dirigida pelo coordenador saharauí junto da MINURSO, Mohamed Khadad, sobre as perspectivas do processo da ONU no Sahara Ocidental.

Em 18 e 19 de Outubro visitou os campos de refugiados de Tindouf, na Argélia. Brahim Ghali aproveitou a oportunidade para lhe expressar a disposição da Frente POLISARIO em colaborar na resolução do conflito com Marrocos, desde que fosse através da realização do referendo de auto-determinação.

Segundo disseram à agência noticiosa EFE fontes oficiais saharauís, ambos abordaram a falta de avanços reais que persistem desde 2012, devido aos obstáculos de Rabat à consulta popular.

Ghali insistiu, por seu lado, que as autoridades saharauís não apoiam plano algum que não inclua o citado referendo, previsto desde o cessar-fogo assinado em 1991 com Marrocos. Voltou a

apelar para que o Conselho de Segurança tenha maior determinação, coesão e apoie sem reservas Köhler para que este possa avançar pela nova dinâmica invocada pelo Secretário-geral António Guterres.

«Esperamos que ele tenha sucesso nos seus esforços, com o apoio do Secretário-geral. E que consiga o apoio dos países membros do Conselho de Segurança, em particular dos cinco membros permanentes», disse Ghali em entrevista colectiva posterior. O presidente saharauí também reiterou que, nesses esforços, a União Africana deve ser incluída pois é chave para a resolução do conflito.

Köhler desembarcou no dia 18 no aeroporto argelino de Tindouf e tomou a estrada para os campos de refugiados, onde se encontrou com representantes da Frente POLISARIO, a equipa de negociação, as organizações de mulheres e outros actores da sociedade civil. Estavam muitas pessoas para o receber,



Fig. 2: À espera de Horst Köhler

vindas de todas as *wilayas*, num sinal de expectativa quanto ao papel que a ONU quer desempenhar.

O ex-presidente alemão também teve a oportunidade de caminhar pelas ruas arenosas e conhecer parte da tradição saharauí e analisar a situação no terreno com a MINURSO.

Visitou igualmente as chamadas "zonas libertadas" antes de partir para a Argélia e a Mauritânia, o fim do périplo que começou no dia 17 em Marrocos, onde foi recebido por Mohamed VI.

A sua viagem não incluiu, no entanto, os territórios saharauís sob ocupação marroquina, não se sabendo se foi por decisão do próprio ou por imposição de Rabat, que já impediu anteriormente essa visita ao seu antecessor, Christopher Ross.

A questão do Sahara Ocidental voltou a ser abordada durante os trabalhos da IV Comissão das Nações Unidas, vulgarmente designada por Comissão de Descolonização, que reuniu este mês de Outubro para avaliar a situação dos Territórios Não-Autónomos, isto é os territórios que ainda não puderam exercer o seu direito à autodeterminação.

Um dos países que interveio foi a Argélia, através do seu embaixador permanente junto das Nações Unidas, Sabri Boukadoum. «Para a Argélia, a resolução do conflito do Sahara Ocidental é uma questão urgente e crucial, para a estabilidade, o progresso e a integração do Magrebe», afirmou Boukadoum, antes de denunciar que é «deplorável que em 2017 existam ainda 17 territórios não autónomos pendentes de descolonização».

O diplomata argelino disse que «o estatuto do Sahara Ocidental é inequívoco». «Todas as resoluções da ONU sobre o Sahara Ocidental adoptadas pela Assembleia Geral e pelo Conselho de Segurança afirmaram a inequívoca natureza jurídica do conflito, assim como a aplicação do princípio de autodeterminação», declarou.

No que respeita ao papel da União Africana na procura de uma solução para o problema, o embaixador da Argélia esclareceu que a UA teve êxito em negociar o plano que pôs fim a 16 anos de guerra e que continua a ser o único plano de paz aceite por todas as partes.

«O Conselho de Segurança, aprovou por unanimidade a resolução 690 (1991) e decidiu enviar uma missão da ONU com o mandato central de organizar e supervisionar um referendo de autodeterminação no Sahara Ocidental», afirmou Boukadoum. Finalmente, reiterou o apoio do seu país aos esforços do Secretário-geral e do seu Enviado Pessoal para Sahara Ocidental.

Também a delegação do Panamá expressou o seu firme apoio a uma «solução política justa, duradoura e mutuamente aceitável, que preveja a autodeterminação do povo do Sahara Ocidental, no âmbito das disposições conformes aos princípios da Carta das Nações Unidas».

Por sua vez, a Missão Permanente do Estado Plurinacional da Bolívia junto da ONU expressou o seu «firme compromisso em apoiar em todos os fóruns a República Árabe Saharauí Democrática, nação que reconhecemos como irmã e que até à data procura ainda a sua autodeterminação», disse o representante da Bolívia.

A Bolívia confia que, «através de um processo negociado, se dê curso a uma solução política justa, duradoura e mutuamente aceitável que conduza à autodeterminação do povo do Sahara Ocidental».

Nesta linha, o país andino defende a aplicação das resoluções do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral relativas à questão saharauí.

Por sua vez o representante da Frente POLISARIO junto da ONU, Ahmed Bukari, reiterou o firme compromisso da parte saharauí de cooperar com o novo emissário da ONU para revitalizar o processo negocial. «A nossa posição tem sido coerente, clara e transparente. Esta é a posição das Nações Unidas e da União Africana sobre uma questão de descolonização, orientada pelo princípio de autodeterminação», acrescentou.